

“Revolta e impotência”

Não pode ser, Jonas! - exclamou Otília – a Companhia de Seguros não lhe pode dar a alta do acidente de trabalho porque você continua a ter de usar muletas!

Mas, comecemos pelo princípio. Jonas trabalhava há uns anos na Unidade de Negócio (UN) de Geotecnia da Betionex, empresa de construção civil na qual a Otília integrava a equipa de Recursos Humanos (RH). Uns meses antes ele tinha tido um acidente de trabalho estúpido, como são a maioria dos acidentes. Estava em cima duma máquina de perfuração que se movimentou inesperadamente, provocando-lhe uma queda que, inicialmente pareceu pouco grave, mas que acabou por lhe afetar a coluna cervical, o que o fez perder o controlo dos membros inferiores. Depois de umas semanas de internamento, a Seguradora enviou-o para a sua casa em Torres Vedras, prescrevendo a continuação do tratamento numa clinica local de fisioterapia. Estava há uns meses a cumprir esse programa de recuperação, mas as “melhoras” demoravam a aparecer.

Jovem, alto, magro, musculado, o Jonas era um mulato claro que tinha a agilidade e a “pinta” dum atleta de triatlo. Era por isso que a Otília nunca conseguia deixar de ficar impressionada sempre que ele vinha aos RH e o via arrastar-se entre as secretárias, apoiado em duas muletas e com as pernas completamente penduradas e sem vida.

Naquele dia, o Jonas trazia uma novidade:

“O Sr da Seguradora disse-me que vou ter alta no fim deste mês”, disse com ar entre o confuso e o resignado.

“Só pode estar equivocado, Jonas - respondeu-lhe Otília - É evidente que a Seguradora não lhe pode dar alta porque que você não consegue andar, quanto mais trabalhar! – reforçando – Além disso, vindo diretamente dum acidente de trabalho, a Segurança Social não lhe atribui o subsídio de doença, o que o deixaria sem qualquer forma de proteção. Deve ter percebido mal!”

Não, Dra Otília – argumentou Jonas, com firmeza - o Sr foi muito claro. Vão-me dar alta, porque os médicos dizem que eu não tenho nada que me impeça de trabalhar”.

“Deve ser confusão, Jonas – reafirmou a Otília, perante a insistência – mas, logo que possa, ligarei à Seguradora para verificar o que se está passar”

No fim da visita e à semelhança do que já acontecera nas anteriores, Otília e os outros colegas dos RH fizeram uma coleta com todo o dinheiro que tinham nas carteiras e deram-lhe para ele poder regressar a Torres Vedras e se aguentar por mais uns dias.

Não foi fácil chegar à pessoa certa, mas depois de alguns “vou passar à secção”, a Otília lá conseguiu falar com o Sr. Pires, que lhe respondeu, num tom cordial e profissional, que conhecia bem o processo e o Jonas, porque o acompanhava desde início. Para seu completo espanto e revolta, o Sr Pires confirmou que o Jonas iria ter alta dentro de duas semanas, acrescentando que tinha na sua frente um documento assinado por três médicos, um dos quais o Diretor Clínico da Seguradora, que declarava, sem margem para dúvidas, que não existiam razões médicas que justificassem que o sinistrado não pudesse voltar ao seu posto de trabalho. Alegou ainda que aquele relatório já tinha mais de dois meses, pelo que a decisão da seguradora até poderia já ter sido tomada há mais tempo.

A revolta da Otília veio lá do fundo dos seus princípios de defesa dos socialmente desprotegidos e foi bem audível. “Não há lei nenhuma no mundo que permita dar alta a uma pessoa que só consegue movimentar-se apoiado em muletas por ter os dois membros inferiores flácidos”, “A Seguradora devia ter vergonha por proceder desta forma”, “as seguradoras só pensam em lucros e tratam as pessoas como números” e, por fim, “se querem guerra, vão ter guerra!”. O Sr Pires ouviu o “grito de revolta” pacientemente, respondendo, no fim, que “perante aqueles documentos médicos oficiais, ele nada podia fazer” e insistiu com a Otília para ela reunir com o Diretor Médico e ouvir da boca dele as razões daquela decisão.

Nas semanas seguintes, Otília e os colegas da RH deram vazão à sua revolta e usaram todos os meios para tentar anular a decisão sobre a alta. Contactaram as entidades reguladoras dos seguros e de proteção dos consumidores, protestaram junto da Administração da Seguradora, solicitaram o apoio dos Advogados da Betionex, pediram à Administração da empresa para ameaçar a Seguradora com a retirada de todos os seguros, entre várias outras iniciativas. O sucesso destas ações não foi, contudo, o que esperavam. Ninguém parecia querer ir contra a “verdade médica” e sem isso nada feito. A sensação de injustiça e impotência que isso provocava a toda a equipa de RH era terrível.

Os contactos com o Sr Pires foram-se repetindo e, apesar dele demonstrar sempre uma postura muito profissional e vontade de ajudar, o máximo que se conseguiu foi antecipar a “remissão” dos valores da indemnização, permitindo que o Jonas tivesse recebido uma verba que o ajudou a minimizar os problemas financeiros que já vinha atravessando.

Os meses foram passando. As pernas do Jonas não davam sinais de melhorar, ao contrário dos seus problemas financeiros que continuavam a piorar. Uma vez por mês ele deslocava-se de Torres Vedras à Seguradora e aproveitava para vir à Betionex. Apesar da sua atitude calma e resignada, bastava vê-lo entrar a “muletear” para a revolta recrudescer. À saída, como de costume, a equipa de RH não resistia e cada um dava o que podia, sendo recolhidas algumas dezenas de Euros, que não lhe resolvendo o problema, pelo menos o ajudavam durante alguns dias.

No fim duma dessas visitas, a Otília recebeu um telefonema do Sr Pires que a deixou a matutar:

“Boa tarde, Dra Otília, como está? – continuando – Sabe se hoje o Jonas foi aí à Betionex?”

“Sim – respondeu a Otília – saiu daqui há pouco.

“E como o achou? – retorquiu o Pires – Já agora, ele hoje levava uma ou duas muletas?”

“Achei-o na mesma, Sr Pires – respondeu Otília, aduzindo – e trazia as duas muletas de sempre. Mas porque pergunta?”

“Porque ele aqui só tinha uma, respondeu o Pires - e pelo que me disseram, só a começou a usar já aqui na nossa rua!”

Otília não acreditou, mas para contestar quis ficar absolutamente segura. Foi à Geotecnia falar com o Ernesto, um colega do Jonas que residia em Torres Vedras:

“Boa tarde, Ernesto, como estás? Tens estado com o Jonas nos últimos meses?”

“Sim - respondeu Ernesto – costume vê-lo na discoteca “RockUp”.

José Bancaleiro

“Na discoteca? - Estranhou Otília, questionando - Então mas ele não anda de muletas?
“De muletas? Retorquiu o Ernesto, admirado. Não. Vejo-o sempre na pista aos saltos
que nem um maluco!”

Sintra, 26 de Fevereiro de 2016

José Bancaleiro